

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
11 de Setembro de 2025
CENTENÁRIO DE VASCO GRANJA

MEXICALI SHMOES / 1959
Desgraças Mexicanas

Argumento: Warren Foster / *Animação:* Art Davis, Garry Chiquiquy, Virgil Ross / *Música:* Mitt Franklyn, Carl W. Stalling / *Montagem de imagem e efeitos especiais de som:* Treg Brown / *Com as vozes de:* Mel Blanc (*Speedy Gonzalez; José*), Tom Holland (*Manuel*)

Produção: Warner Bros / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, versão original com legendas em português / *Duração:* 7 minutos / *Estreia mundial:* 4 de Julho de 1959 / *Estreia em Portugal:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 26 de Fevereiro de 2005, no âmbito do ciclo “Os Grandes Estúdios: Warner”.

MOUSE MAZURKA / 1949

Argumento: Tedd Pierce / *Animação:* Ken Champion, Gerre Chiquinny, Manuel Pérez, Virgil Ross / *Música:* Carl W. Stalling / *Montagem;* Teg Brown / *Som:* Treg Brown, Dale Pickett / *Com a voz de:* Mel Blanc

Produção: Warner Bros / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm / *Duração:* 7 minutos / *Estreia mundial:* 11 de Junho de 1949 / *Estreia em Portugal:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 26 de Fevereiro de 2005, no âmbito do ciclo “Os Grandes Estúdios: Warner”.

THE PINK PHINK / 1964
Tropelias da Pantera

Argumento: John W. Dunn / *Animação:* La Verne Hardingz, Bib Matz, Norm McCabe, Don Willaiams, Wolfgang Reitherman / *Música:* Henry Mancini / *Montagem:* Lee Gunther / *Som:* não identificado

Produção: DFE; Mirisch-Geoffrey-DeParie Frelang Productions / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm / *Duração:* 7 minutos / *Estreia mundial:* 18 de Dezembro de 1964 / *Inédito comercialmente em Portugal:* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Filmes de Fritz Freleng

A LITTLE PHANTASY ON A NINETEENTH CENTURY PAINTING /
1946

Animação e montagem Norman McLaren / *Música:* Louis Applebaum (composição), Benton Jackson (montagem)

Produção: National Film Board of Canada / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 16 mm / *Duração:* 4 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Estreia em Portugal:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

NEIGHBOURS / 1952

Argumento e música: Norman McLaren / *Imagem (35 mm, cor):* Wolf Koenig / *Som:* Clark Daprato / *Interpretação:* Grant Munro (*o vizinho à direita*), Jean-Paul Ledouceur (*o vizinho à esquerda*)

Produção: National Film Board of Canada / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 16 mm / *Duração:* 8 minutos / *Estreia mundial:* 1 de Janeiro de 1952 / *Estreia em Portugal:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 14 de Abril de 2007, no âmbito da rubrica “História Permanente do Cinema”.

SYNCHROMY / 1971
Sincromia

Animação, música e montagem: Norman McLaren / *Efeitos visuais:* Ron Moore / *Som:* Roger Lamoureux
Produção: National Film Board of Canada / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm / *Duração:* 7 minutos / *Estreia mundial:* Canadá, 1971, em cidade e data não identificados / *Estreia em Portugal:* Porto (Cineclube do Porto), 6 de Abril de 1975 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 15 de Novembro de 2011, no âmbito do Festival Temp's d'Images

Filmes de Norman McLaren

PEESHTITE KAUBOI / 1984 “Os Cowboys Cantores”

Um filme de Proyko Proykov

Argumento e animação: Proyko Proykov / *Imagem:* Nadejda Iantcheva / *Direção artística:* Gregory Mutafchiwfi, Proyko Proykov / *Música:* as canções brasileiras “Muié Rendeira” (atribuída ao cangaceiro Virgolino Lampião) e “Ave Maria do Morro (Herivelto Martins) Goombay Dance Band / *Montagem:* Aneta Hristova / *Som:* Galina Fernandheva

Produção: Boyana Films / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm / *Duração:* 7 minutos / *Estreia mundial:* 7 de Novembro de 1984 / *Estreia em Portugal:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Duração total: 47 minutos

AVISO: por motivos técnicos, DR. JERKYLL'S HIDE, inicialmente anunciado para esta sessão, foi substituído por MOUSE MAZURKA

Com a presença de Cecília Granja

Vasco Granja mencionava por vezes, com um sorriso, o “delito” de que o tinham acusado à certa altura do seu percurso: o de ter “traumatizado a infância de muitos portugueses”. A “acusação”, uma óbvia brincadeira (uma frase divertida não tem de ser totalmente verídica), tem, no entanto, um eco nos testemunhos de alguns lusitanos e algumas lusitanas nascidos à volta de 1970. Quando, em meados daquele decénio, ligavam a televisão à procura de um Bugs Bunny ou um Daffy Duck, deparavam-se com um desenho animado de algum “país do Leste”, “umas chatices em que quase sempre se via um lápis a percorrer a página...”. Eram tempos de lutas políticas nítidas e não poucas pessoas insistiam sobre a superioridade artística daqueles filmes sobre os americanos, o que traz à lembrança uma memorável frase do cineasta senegalês Djibril Diop Mambéty: “Não sou um ideólogo. Simplesmente não posso gostar e deixar de gostar”. É evidente que a erudição de Vasco Granja no domínio do cinema de animação e o seu incansável trabalho de terreno também o impediam de gostar e deixar de gostar. E há traumas infantis mais dolorosos do que um filme de Trnka ou Zeman.

Este programa, que cobre meio século, leva em consideração a variedade de gostos de Vasco Granja e forma um pequeno panorama do cinema de animação mundial: dois clássicos do cinema americano, que as atuais novas gerações apreciam tanto quanto os seus avós; fechando a sessão, um filme de animação “do Leste”, que parodia e critica a animação americana; e três exemplos do trabalho de Norman McLaren, verdadeiro artista plástico que utilizava a animação como um jogo visual.

Os dois primeiros filmes do programa, **Mexicali Shmoes** (qualquer coisa como “mexicanos bebedores de mescal e idiotas”) e **Mouse Mazurka** são típicos exemplos da extraordinária riqueza de invenção da animação clássica americana, tanto mais notável que as situações narrativas nestes filmes se resumem basicamente a uma: a tentativa de fazer uma coisa, sempre fracassada e sempre reiterada. Há personagens famosos neste sistema, estrelas da animação (no caso dos filmes deste programa, Speedy González e Bugs Bunny), muitas vezes apresentados em dupla: o forte e o fraco (Tom e Jerry, Bip-Bip e o Coiote) ou o burro e o inteligente (“*I do the thinking*”). A riqueza de invenção destes filmes inseridos num estreito padrão narrativo reside no inesgotável fluxo de ideias para os gags visuais, com um ritmo costuma rápido, agitado e um tom maravilhosamente lúdico. Isto os põe acima da capacidade de percepção dos “politicamente corretos” que criticam a “violência” que ao atravessa. O terceiro filme americano do programa permite-nos rever a então recentíssima Pantera Cor-de-Rosa, personagem criado no ano anterior. O personagem tem a peculiaridade de nunca

falar nem emitir rugidos (mas há pelo menos uma exceção, em que no plano final ela diz, com sotaque britânico, “*why can't men be sensible?*”), o que o diferencia certamente de muitos, mas não todos, dos seus antecessores na animação americana, nos quais a voz é um elemento central na identidade do personagem (Donald, Droopy). Sempre fleumática, passe o que passar, como num eco a Buster Keaton, consciente das aventuras em que está metida, contrariamente a um Mr. Magoo, muda, porém identificada por um tema musical inesquecível, verdadeiro cartão de visitas, a Pantera vive aventuras que ilustram o mesmo padrão narrativo clássico da tentativa fracassada e reiterada de fazer uma coisa. Em **The Pink Phink** (*a traidora cor-de-rosa*) há, no entanto, uma bela variação sobre este motivo narrativo que caracteriza o cinema de animação americano desde os anos 40. Como sempre nos filmes da Pantera, não se trata de uma situação violenta, com explosões, marteladas e correrias, o que é uma silenciosa e elegante alteração do padrão narrativo. Sobretudo não é a Pantera que insiste em fazer alguma coisa e fracassa, é ela que traz frustração ao único outro personagem, fazendo com que este insista e fracasse, sem que haja, no entanto, qualquer violência física. O filme se desenrola num belo duelo de cores (haverá algum longínquo eco do cinema de animação abstrato dos anos 20 e 30 nestas superfícies lisas e monocromáticas?), antes do homem ser vencido e a cor-de-rosa invadir toda a tela.

Norman McLaren é o exemplo mais célebre do cinema de animação como expressão visual mais do que narrativa. Celebrizou-se por desenhar diretamente na película, embora não tenha sido o primeiro a fazê-lo, como costuma ser dito, honra que cabe a Len Lye. Escocês, McLaren fez quase toda a sua carreira no Canadá, onde se instalou em 1941 e a sua presença contribuiu certamente para a criação de uma importante escola de animação canadiana. É fundamental ter em mente que McLaren trabalhava para um organismo de Estado, o National Film Board, o que tornava possível a prática de um cinema mais experimental, mais erudito, impensável no contexto de uma produção industrial. **A Little Phantasy on a Nineteenth Century Painting** mostra-nos um McLaren um pouco em recuo em termos formais, por comparação, com aquilo que já tinha feito em obras como **Hoppity Pop** ou **Hen Hop**, visualmente enxutas e precisas. O filme “trabalha” um celeberrimo quadro da pintura romântica alemã, *A Ilha dos Mortos*, de Arnold Böckling, mas a manipulação de McLaren sobre o quadro é discreta e mesmo bastante modesta e o filme sofre da desvantagem de ser a preto e branco, o que já é uma maneira de manipular a pintura em questão, embora involuntária. Além disso, embora a escolha do quadro de Böckling tenha certamente sido uma ideia de McLaren, um trabalho sobre uma pintura do século XIX destoa de tudo aquilo que o espectador lhe pode associar, pois a sua estética é típica de meados do século XX, totalmente alheia à estética romântica, com os seus pormenores descritivos. **Neighbours** é um dos filmes mais conhecidos de McLaren e um grande clássico do cinema *tout court*, mais especificamente do cinema de animação sem “bonecos”, embora a trama narrativa pudesse perfeitamente ser a de um filme de animação americano com bonecos. O filme, que é uma sátira sobre a coabitação de médio-burgueses nas suas casinhas e jardins que consideram perfeitas, mini-paraísos para maníacos da ordem doméstica, baseia-se na simetria, que toma a forma de um jogo de especular cheio de irrisão: *War if not peace* diz a manchete de um jornal, à qual retruca o *Peace if not war* do vizinho, antes que os dois se engalfinhem por uma flor. **Synchronie** é outra célebre obra-prima de McLaren, cujo título é um neologismo perfeitamente adequado, que desvenda o sentido do filme: uma articulação de cores. Contrariamente a **A Little Phantasy**, este filme remete para os clássicos com formas abstratas dos anos 20 e 30, como os de Hans Richter, que pertencem mais ao domínio das artes plásticas do que do cinema propriamente dito. O filme é uma sincronia e uma sinfonia de cores, um jogo de formas abstratas geométricas, idênticas e diferenciadas apenas pelas cores que as definem. As imagens derivam dos sons, ou melhor, as imagens são a captação visual da banda sonora, numa conjugação absoluta entre os dois elementos nucleares do cinema.

A encerrar o programa um exemplo da animação “do Leste” que Vasco Granja tanto divulgou em Portugal, uma divertida e curiosa raridade, **Peeshtite Cowboy** / “**Os Cowboys Cantores**” (o *singing cowboy* povoa todo um subgénero do western). O filme de Proyko Proykov, um dos grandes nomes da animação búlgara, é uma óbvia crítica ao cinema de animação americano e às mitologias do mais

americano dos géneros, o western, porém num tom leve e com uma estrutura narrativa elaborada. Uma criança senta-se diante da televisão, inicialmente vista como um espelho e o olhar do espectador se encaixa no dela: ambos vêem o mesmo filme. Este filme no filme é um deliberado *pastiche* dos incontáveis desenhos animados americanos situados no velho Oeste: o ritmo é rápido, a ação vai num *crescendo*, que acaba numa matança. Explorando o jogo entre ilusão e realidade, um personagem sai da tela e rouba a comida da criança, que por sua vez entra na televisão e passa a fazer parte do filme e das suas violentas ações (devemos concluir que certos filmes tornam as crianças violentas?). De modo bastante surpreendente Proykov utiliza duas canções brasileiras: a melodia de *Muié Rendeira*, que foi um êxito mundial nos anos 50, pois era o tema de **O Cangaceiro**, filme brasileiro que deu a volta ao mundo. Mais surpreendente ainda é o uso no trecho final do filme de uma canção *kitsch* dos anos 50, *Ave Maria do Morro*, que poucos espectadores reconhecerão. Dobrada em búlgaro, a melodia serve de inesperada apoteose ao filme.

Antonio Rodrigues